

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4587692>



UNIVERSIDADE, CAPITALISMO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Neste ensaio discute-se a universidade e a produção do conhecimento inseridas na sociedade capitalista, tendo como objetivo problematizar sua relação com as relações sociais de produção. Parte do referencial teórico marxista para realizar essas reflexões, mostrando as implicações da produção do conhecimento em uma sociedade dividida em classes sociais.

Palavras chave: Capitalismo. Conhecimento. Universidade.

Abstract

This essay discusses the university and the production of knowledge inserted in the capitalist society, with the objective of problematizing its relationship with the social relations of production. Part of the Marxist theoretical framework to carry out these reflections, showing the implications of the production of knowledge in a society divided into social classes.

Keywords: Capitalism. Knowledge. University.

O avanço dos setores empresariais nas universidades públicas não pode ser considerado como consequência apenas de decisões equivocadas ou opções políticas de gestores ou a uma vontade subjetiva da burguesia. Esse processo faz parte da própria constituição da universidade, que, com todas as mediações possíveis, expressa as contradições da sociedade em que está inserida. O trabalho dos intelectuais que atuam nas universidades e as pesquisas nelas realizadas respondem, direta ou indiretamente, às necessidades e dinâmicas da produção capitalista. Segundo Marx (1982, p. 191), “o capital não cria a ciência e sim a explora apropriando-se dela no processo produtivo. Com isto se produz, simultaneamente, a separação entre a ciência, enquanto ciência aplicada à produção, e o trabalho direto”.

Esse cenário de pressão pela produtividade está associado às mudanças na forma de organização do trabalho, na medida em que o capitalismo necessita cada vez mais que a técnica e a tecnologia garantam a diminuição nos custos de produção. No sistema capitalista, “a grande indústria tem de incrementar extraordinariamente a força produtiva do trabalho por meio da incorporação de enormes forças naturais e das ciências da natureza ao processo de produção” (MARX, 2013, p. 460). Cabe à pesquisa um papel decisivo nesse processo, na medida em que possibilita a incorporação de novas tecnologias ao processo produtivo, exigindo-se resultados rápidos, inovadores e com impactos práticos.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua como docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). Email: michelgsilva@yahoo.com.br



Como parte do processo de “reorganização econômica, a esfera de natureza simbólico-cultural altera-se, para constituir-se de valores e signos próprios da produção econômica, no contexto de tecnificação da política e da cultura” (SGUISSARDI, SILVA JR, 2001, p. 80).

O perfil que assume a universidade ou mesmo sua forma de gestão e de financiamento respondem aos interesses do capital. Suas sucessivas reformas, que normalmente se dão ou a partir de questões econômicas, em sua relação com o processo de transformação na organização do trabalho, ou a partir de recomendações de organismos internacionais, como o Banco Mundial, buscam fazê-la responder de forma mais eficiente às mudanças que vão se operando no capitalismo. O Estado cumpre papel central nesse processo, na medida em que este é responsável por elaborar as políticas públicas para a educação. Cabe ao Estado, diante das variações no modo e nas relações de produção, adaptar as políticas educacionais aos interesses do capital, priorizando ora investimentos com recursos públicos, ora a entrega da educação à gestão privada, com ou sem recursos públicos (SILVA, 2015).

Portanto, a despeito de todas as mediações possíveis, em última instância, a educação sob o capitalismo é funcional à produção de valores de troca e à exploração do trabalho. Neste caso, não interessa de onde vem os recursos, pois, mesmo quando são públicos, estão voltados ao atendimento dos interesses do capital. Não interessa nem mesmo a área do conhecimento, afinal a pesquisa chamada “de base” elabora os fundamentos para as Ciências Aplicadas. Mesmo as Ciências Humanas, sempre apresentadas como críticas ou mesmo subversivas, têm a função de explicar fenômenos da cultura, do espaço e do tempo, contribuindo com o processo de produção de mercadoria (SILVA, 2020b). Deve-se ressaltar que

as atividades intelectuais de produção da ciência e da tecnologia não se constituem processos autônomos, independentes da realidade concreta onde se efetivam. A ciência revela-se historicamente como instrumento de poder. Ela passa a atuar junto às forças produtivas de forma cada vez mais decisiva, ampliando cada vez mais sua potência econômica (ALMEIDA, 2012, p. 93).

Nesse sentido, o espaço acadêmico sob o capitalismo mostra-se reacionário, na medida em que se ocupa de produzir e colaborar com a ideologia de classe, sendo, em momento de crise do capitalismo, um entrave para os efetivos avanços científicos socialmente necessários. Isso se deve à situação concreta do capitalismo, marcado pela “transformação das forças produtivas, das quais a ciência faz parte, em forças destrutivas” (BLOCH, 1980, p. 131). Não é incomum que qualquer tentativa de resistência seja criticada ou mesmo marginalizada dentro das instituições.

Esses elementos apontam para o fato de que a pesquisa universitária acaba tendo um caráter funcional ou mesmo imediato, o que leva, entre outros aspectos, à baixa qualidade teórica e



metodológica das pesquisas. Esse processo tem relação direta com a crise na qual se encontra o sistema capitalista, que se reflete

numa crise dos valores burgueses, da moralidade, da religião, da política e da filosofia. O pessimismo que aflige à burguesia e aos seus ideólogos neste período se manifesta na pobreza de seus pensamentos, na trivialidade de sua arte e no vazio de seus valores espirituais. Expressa-se no espantinho filosófico pós-modernista, que se imagina superior a toda filosofia anterior, quando, na realidade, é absolutamente inferior (WOODS, 2009, p. 67).

Muitas das pesquisas se tornam meras repetições umas das outras, com pequenas variações, dentro de grupos de pesquisas ou como parte de redes de amizade (SILVA, 2020a). Produz-se uma grande quantidade de teses, dissertações e artigos que basicamente discutem os mesmos assuntos, apresentando pequenas mudanças nos objetos ou nos problemas a serem discutidos. Não há uma preocupação efetiva em testar novas metodologias e perspectivas, mas apenas em chegar a um produto, o que obviamente é garantido por uma metodologia conhecida e utilizada de forma repetida e recorrente. Não se trata aqui de experimentos variados que levam a um novo conhecimento, podendo contribuir inclusive para uma renovação daquele campo de pesquisa, mas de um conhecimento pronto que basicamente vai sendo repetido à exaustão.

Uma consequência dessa repetição de métodos e procedimentos é um completo desdém pelo debate teórico. Evita-se produzir reflexões que exijam a leitura aprofundada de clássicos e um denso debate epistemológico, e que poderiam apontar para novas interpretações ou mesmo para construções teóricas inovadoras. O caminho mais comum é partir de algum referencial pronto, normalmente algum autor ou um campo da moda em outros países, e aplicar na pesquisa. Uma parcela mais cuidadosa ainda procura adaptar o referencial teórico para seu objeto de pesquisa, dando uma relativa coerência à metodologia, mas muitos apenas se alongam em citações que muitas vezes sequer acrescentam algo aos textos. Torna-se, assim, praticamente impossível a construção de um referencial teórico que apresenta inovações e novos olhares para os objetos de pesquisa. No campo científico, a decadência histórica do capitalismo “se manifesta como processo de fragmentação do conhecimento que o segmenta profundamente da realidade e de si mesmo” (COGGIOLA, 2001, p. 57).

O espaço universitário expressa as contradições da sociedade capitalista e, com mediações das mais variadas, a exploração de classe da burguesia. Esse modelo de universidade tem como tarefa mais evidente a formação de força de trabalho, também cabendo a ela auxiliar o capital no processo de produção de mercadorias, desenvolvendo não apenas novas tecnologias, como também métodos de pesquisa e diagnósticos sobre diferentes aspectos da sociedade. Para responder aos interesses do capital,



a universidade, ainda que pública e gratuita, precisa ser um espaço elitista, de liberdades democráticas restritas e que controla a participação política de trabalhadores e de estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. **A pesquisa acadêmica no século XXI**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

BLOCH, Gerárd. **Ciência, luta de classes e revolução**. São Paulo: Palavra, 1980.

COGGIOLA, Osvaldo. **Universidade e ciência na crise global**. São Paulo: Xamã/Pulsar, 2001.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Progreso técnico y desarrollo capitalista (manuscritos 1861-1863)**. México: Pasado y Presente, 1982.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JR, João Reis. **Novas faces da educação superior no Brasil: reforma do Estado e mudança na produção**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Michel Goulart da. “Educação profissional, capital e força de trabalho no Brasil”. **Germinal**, vol. 7, n. 2, 2015.

SILVA, Michel Goulart da. “A produtividade acadêmica e o problema da coautoria”. **Potemkin**, vol. 1, n. 2, 2020a.

SILVA, Michel Goulart da. “Reflexões sobre a história das Ciências Humanas”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 2, 2020b.

WOODS, Alan. **Reformismo ou revolução**. São Paulo: Editora Marxista, 2009.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 15 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima